

## O QUE PODERIA SER FEITO PARA EVITAR A EXPLORAÇÃO

Denunciar é a única forma de pressionar autoridades para que vítimas sejam protegidas e exploradores acabem processados, julgados e presos. Veja o que pode ou poderia ser feito nos casos abaixo

## Luana, 13 anos

Teve a primeira relação aos 11 anos de idade com um homem de 22 anos.

**O QUE PODERIA SER FEITO:** os pais poderiam ter denunciado o homem por estupro presumido, de acordo com o Código Penal. Luana teve relação sexual com idade inferior à definida como sendo a "de consentimento". Para a lei, não tinha discernimento ao decidir fazer sexo, nem maturidade para avaliar as implicações do seu ato. A pena para o adulto pode variar de 6 a 10 anos.

Dos 11 anos aos 13 anos, Luana manteve relações sexuais em troca de dinheiro.

**O QUE PODERIA SER FEITO:** Entre outros, o crime é de corrupção de menores, de acordo com o Código Penal, com pena de 3 a 8 anos. Qualquer pessoa pode denunciar o caso. Já pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, o crime é submeter jovem à exploração sexual, artigo 244-A. Pelo ECA, a pena é maior, de 4 a 10 anos.

Hoje, aos 13 anos de idade, Luana não está estudando.

**O QUE PODE SER FEITO:** os pais podem ser responsabilizados por abandono intelectual, de acordo com o artigo 246 do Código Penal. Pai e mãe estão sujeitos a pena de 15 dias a um mês de detenção ou pagamento de multa.



FOTOS: RICARDO MENDES

Passados 2 anos, a família de Luana continua sendo negligente com ela sem conseguir impedir que a adolescente seja explorada.

**O QUE PODE SER FEITO:** a qualquer tempo, pessoa interessada em ter a guarda de Luana e cuidar da sua educação e desenvolvimento pode entrar com processo na Justiça pedindo a destituição de pátrios poderes. Os pais podem perder a guarda da filha se for comprovado que há negligência, mas este é um processo demorado e apenas a falta de condições materiais não é motivo suficiente para que pais biológicos percam o direito de educar seus filhos.

Aos 13 anos de idade, Luana fez teste de gravidez em posto de saúde.

**O QUE PODERIA SER FEITO:** o médico que a atendeu poderia denunciar estupro presumido, alertando as autoridades, que procederiam investigação e acionariam programas sociais para dar acompanhamento e assistência à jovem e à família dela.

A mãe de Luana não se sente capaz de cuidar da filha.

**O QUE PODE SER FEITO:** ela pode abrir mão dos pátrios poderes, no Juizado da Infância e da Juventude, oferecendo a filha para adoção. O pai e familiares serão consultados sobre a situação. Serão entrevistados por assistente social, psicóloga e terão audiência com juiz. Ele decidirá o destino da jovem com base nos critérios estabelecidos pela legislação brasileira.

**ABANDONO** | Em Barreiras, apenas este ano, 23 adolescentes engravidaram

# Vítimas de exploração e grávidas aos 14 anos

RICARDO MENDES  
ricardomendes@grupotarde.com.br

Um metro e meio de altura, 13 anos e aparelho celular pré-pago nas mãos. "Acabei de vir do posto onde fiz teste de gravidez", conta Luana\*. De janeiro a setembro deste ano, 23 meninas engravidaram em Barreiras, a 850 quilômetros de Salvador. Todas têm menos de 14 anos e parte delas vai dar à luz porque foi explorada sexualmente.

Pais, vizinhos, amigos, autoridades, uma cidade inteira, poderiam ter evitado isso. Mas Barreiras convive em silêncio com histórias como a de Daniele\*.

Ela teve sua primeira relação aos 11 anos e depois passou a fazer sexo em troca de até R\$ 50. "Eu tento parar e não consigo", diz. Pela legislação, ela também é vítima de estupro presumido.

Dados do SISPre-natal, sistema desenvolvido pelo Ministério da Saúde dentro do Programa de Humanização no Nascimento, revelam que o número de crianças e adolescentes grávidas na cidade, nos primeiros nove meses deste ano, é 11,5 vezes maior que em todo o ano de 2005.

"Não sei mais que providência dar. Amo minha filha, mas se tiver alguém para tirar ela desta situação, eu entrego", lamenta a mãe de Luana. Se o combate à exploração sexual é prioridade de prefeituras, governos estadual e federal – como freqüentemente anunciado –, o que explicaria a situação?

"Só vai preso quem é pobre",

responde Leni Almeida, coordenadora do Programa Sentinela (criado pelo governo federal para combater a exploração). A TARDE pesquisou os livros de registros de inquérito da Polícia Civil, na Delegacia Circunscrição de Barreiras. Em dois anos, de janeiro de 2004 a novembro de 2006, há cinco casos de crimes que se enquadram no artigo 244-A do Estatuto da Criança e do Adolescente. Entre os indiciados, apenas pessoas de baixo poder aquisitivo.

"As meninas dizem que os exploradores têm carro de luxo e trabalham no centro. Quem vai atrás deles? Quem denuncia?", pergunta Almeida. "O que chega de denúncia, nós apuramos", afirma o delegado regional Vinicius Mor Brandão.

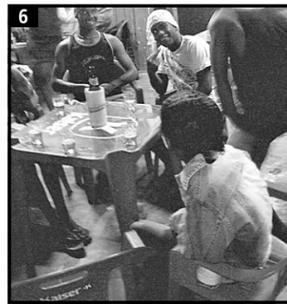
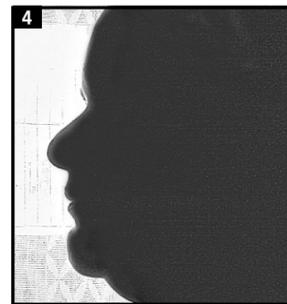
O sexo dessas crianças exploradas é comprado até por um prato de comida, negócio intermediado por agenciadores que recebem R\$ 50 por menina. "Tem uma mulher que arruma os homens e avisa as garotas por telefone. Liga no celular delas", explica Juliana, de 19 anos, que já foi atendida pelo Sentinela.

Lugar para os encontros também não faltam. Há dezenas de pousadas espalhadas na cidade, sem alvarás nas paredes. O primeiro contato acontece, geralmente, em bares como o Topázio e o Barril, que ficam ao lado de um Batalhão da Polícia Militar, na praça de Barreirinhas, um dos bairros do município.

"Tem um monte de meninas que saem daqui, somos mais de



1 | Patrícia, de 12 anos, recebe presentes dos exploradores  
2 | Luíza denunciou abuso do padrasto  
3 | Luana abandonou a escola  
4 | Mãe de Luana: choro diário e negligência  
5 | O bar Topázio e Luíza no primeiro plano  
6 | Criança consome cerveja



qüentadora do Topázio. Ela foi aliciada por uma colega de escola que tem 16 anos e acabou expulsa de colégios três vezes só neste ano.

O comandante do 10º Batalhão da Polícia Militar de Barreiras, coronel Batista Reis, concorda que a situação é grave. "Temos 470 policiais para fazer o trabalho preventivo e repressivo em 13 municípios. É pouco."

Quando questionado sobre a falta de ação da 2ª Companhia da PM, que fica em frente ao bar Topázio e do lado do bar Barril, ele reconhece que é preciso intensificar as ações, mas sinaliza com algo mais grave: "O Barril, por exemplo, é de um policial civil. Estamos informando o delegado regional". Vinicius Mor Brandão, titular da 11ª Coordenadoria da Polícia Civil, diz que não tem conhecimento de que um agente policial seja dono de bar na cidade. "Estou sendo informado disso agora. Se houver a denúncia, nós apuramos".

**SOFRIMENTO** – "A vida é difícil", sussurra Luíza, depois de contar que a mãe não acredita quando diz que o padrasto é um abusador. "Ele fica tentando me ver nua quando estou no quarto em casa". Por causa da denúncia feita à mãe, a adolescente acabou sendo proibida pelo padrasto de par-

ticipar de um projeto social que tenta resgatá-la da situação de risco. Passa o dia perambulando pelas ruas da cidade.

"Ela foi chamada de prostituta pelo padrasto na frente de um monte de gente", conta o educador social e vice-presidente do Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CDCA) em Barreiras, Edvaldo da Silva Costa.

Luíza é amiga de Letícia\*, 18 anos, desde os 10 explorada sexualmente. "A gente apanha muito dos caminhoneiros". Quando não estão no bairro de Barreirinhas, as duas vão de carona, nas boléias de caminhões, até a cidade de Luís Eduardo Magalhães, 900 km de Salvador e a uma hora de Barreiras.

O posto Lameirão, na BR-242 que dá acesso a Luís Eduardo, é onde fazem sexo com os caminhoneiros. Lá, os frentistas informam que meninas de 13 e 14 anos podem ser encontradas no Bar da Helô, nos fundos. O estabelecimento estava fechado no dia em que A TARDE foi ao local. Mas no boteco vizinho, enquanto ajeitava uma mesa de sinuca, um pai ofereceu a filha que tinha acabado de acordar. "Minha menina levantou. Vá lá dar uma olhada nela".

Como os responsáveis por essa jovem, os pais de Letícia, em Barreiras, sabem que ela ganha dinheiro em troca de sexo, mas não admitem falar sobre o assunto. Ao contrário, se mostram indignados com questionamentos. "É melhor você sumir daqui", ameaçou o pai.

\* NOMES FICTÍCIOS

## DEPOIMENTO I

## "Você não vai ser feita de escrava"

MARINEIDE OLIVEIRA

"Fizeram aquela menina de escrava. Quando a encontrei, ela estava sentada na calçada, em frente ao prédio onde moro, chorando. Perguntei o que havia.

Ela contou que tinha acabado de fugir de uma casa de massagem onde era obrigada a se prostituir. E era uma menina tão bonita...

Então eu disse: 'Nada vai te faltar não, se você quiser vem morar comigo. Aqui você não vai passar fome, nem vai ser feita de escrava. Vou lhe acolher

como se fosse a filha que eu sempre quis ter. Não precisa ter medo de nada'.

Fomos a uma loja e comprei roupas novas para ela nunca mais ter de voltar naquele lugar.

Depois de uns dias, fomos até o Juizado da Infância e Juventude, onde contamos toda a história. O negócio foi parar na Justiça, tive de ir lá testemunhar depois.

Fui mãe dela por uns seis meses. Dei conselho, falei para voltar a estudar. Ela tinha 16 anos e era muito boa em matemática. Mas não parecia muito interessada em escola. Ela

não fazia nada, só ficava em casa o dia inteiro. Era muito querida e educada.

De repente, foi embora e não me deu mais notícias. Deve ter voltado para a cidade natal, no Sul. Não sei o nome de seus pais, nem de parentes.

Fiz minha parte. Torço para que, se ela estiver passando por isso de novo, em qualquer lugar do Brasil, encontre alguém com bom coração que a ajude sem esperar nada em troca".

MARINEIDE OLIVEIRA tem 50 anos, é dona-de-casa e testemunhou no caso, ocorrido em Salvador em 1997.



REJANE CARNEIRO

Marineide acolheu uma adolescente de 16 anos explorada na capital

## Joana, 16 anos

Ela alicia colegas para a exploração sexual e foi expulsa da escola.

**O QUE PODE SER FEITO:** a diretora da escola ou professora pode conversar com os pais da menina para saber o que está acontecendo. Mesmo contra a vontade dos pais, o caso pode ser denunciado às autoridades, que vão investigar e oferecer acompanhamento à criança.